

FENÔMENO DE VOZ DIRETA

- Uma proposta de classificação -

Wendel Teles Pontes

O fenômeno de voz direta pertence à classe dos fenômenos de efeitos físicos, e é descrito como a produção de vozes no espaço, sem uma origem ou agente físico conhecido (Fodor, 1974). Sua ocorrência vêm desde os princípios da civilização, e foi comumente associada a manifestações divinas. Somente a partir do Século XIX registros mais precisos, e uma tentativa de análise científica de sua ocorrência foram realizados a fim de se compreender seu mecanismo e sua gênese.

Essa monografia procura estabelecer uma classificação para uma grande variedade de fenômenos desse tipo, associados a outros fenômenos parapsicológicos ou à condições ambientais. Portanto, será feita uma abordagem puramente física baseado nos relatos históricos, na forma de um ensaio objetivo. O conteúdo das vozes não será levado em consideração, à menos que seja relacionado com a explicação física do fenômeno. Geralmente, está associada à produção das vozes a teoria espírita/espiritualista que as atribui a almas de pessoas mortas, ou às teorias parapsicológicas, que as consideram como sendo um produto da mente do agente PSI. Neste artigo, não se fará esse tipo de abordagem. Também não será discutido aqui a veracidade destes fenômenos, nem tampouco detalhes sobre métodos utilizados para assegurar a idoneidade dos agentes citados. Pressupõe-se que o fenômeno existe e que os relatos são verdadeiros.

A voz direta é um fenômeno raro (como boa parte dos fenômenos PK), e está associado, na grande maioria das vezes, a presença de um forte agente Psi. Contudo, diversos fatores influenciam sua intensidade e as condições em que as vozes podem ser produzidas. Para um melhor entendimento de sua produção, uma classificação da voz direta pode ser sugerida.

- 1) Fenômenos de Voz Direta sem a presença de um agente PSI conhecido
- 2) Fenômenos de Voz Direta com a presença de um agente PSI conhecido

O primeiro está associado com lugares (casas mal-assombradas), onde o agente PSI, a despeito de sua provável presença, é desconhecido, e com relatos atribuídos a divindades. O segundo trata dos fenômenos produzidos em condições mais controladas, de onde provém grande parte de sua documentação. É com base nesses relatos que será feito este ensaio.

A ocorrência da voz direta com presença de agente PSI conhecido pode ser classificada da seguinte forma:

- 1) Peculiaridade da voz
 - a) Voz em 1 idioma
 - b) Voz xenoglóssica
 - c) Vozes múltiplas
- 2) Origem
 - a) Definida
 - b) Indefinida

- 3) Luminosidade
 - a) Escuridão completa
 - b) Obscuridade
 - c) Plena luz

- 4) Fenômeno físicos
 - a) Materialização
 - b) Corneta
 - c) Ectoplasma

Deve-se ressaltar que essa classificação é feita com fins puramente didáticos, e ainda é preliminar, sujeita a alterações posteriores. Muitos agentes PSI de voz direta podem se enquadrar em muitas dessas classes, ao mesmo tempo ou ao longo do desenvolvimento de suas faculdades psíquicas.

1) Peculiaridade das vozes

Essa classificação é sugerida em relação aos tipos de vozes que já foram registradas, no tocante ao idioma em que se manifestam ou ao número de vezes em que foram ouvidas, ao mesmo tempo.

a) Voz em um idioma

Em todas as vezes, o fenômeno se apresenta reproduzindo o idioma do agente PSI, e a voz pode variar em timbre e em sotaque (Findley 1950). Essa classe se confunde com os primeiros relatos confiáveis da ocorrência da voz direta. Em 1852, relatos de vozes paranormais foram registradas pela primeira vez, no princípio do espiritualismo moderno, com o psi Jonathan Koons, nos Estados Unidos, em sua própria casa, por alguns anos (Doyle 1994), e com os famosos Irmãos Davenport, que teriam sido os precursores da prestidigitação (Nichols 1864, Fodor 1974). Outra famosa pioneira neste tipo de manifestação seria Mary Marshall, em 1867 (Borges 1999, Doyle 1994), na Inglaterra. Curiosamente, com todos esses agentes PSI, a “manifestação” provinha de uma personalidade intitulada “John King”. Sra Marshall também foi submetida à Sociedade Dialética de Londres, para asseverar a veracidade de suas manifestações. O escocês Daniel Dunglas Home também produzia essas vozes (Home 1864, Doyle 1994). O agente PSI Stainton Moses, em 1875 (NAS 2004) e William Eglinton, em 1876, também produziram as vozes (Farmer 1886).

A partir de então, o número de paranormais a apresentarem as vozes diretas aumentou enormemente, junto com o surgimento da obra clássica de Arthur Findlay, *No Limiar do Etéreo* (1950) e dos relatos de seus extensivos estudos com John Sloan. O almirante Osborne Moore, na sua notável obra *The Voices* (1913), provê um detalhado relato de suas experiências com o agente PSI Etta Wriedt, constituindo este um dos mais completos livros sobre o assunto. A. E. Perriman também publicou um livro, *Broadcasting From Beyond* (1952), sobre manifestações paranormais de voz direta, obtidas através de sua esposa, Mollie Perriman. Também forneceram um grande número de registros Frank Dekker, Gladys Osborn Leonard, Jack Webber, Leslie Flint, George Valiantine, George

Spriggs, Cecil Husk, Margery Crandon, entre outros. E também, nesse período, um maior estudo foi realizado sobre a variedade das vozes e as condições em que operavam, nos obrigando a citar, às vezes, o mesmo agente PSI em diversas categorias.

b) Voz xenoglóssica

Quando o mesmo agente PSI é capaz de produzir as vozes em idiomas diferentes, sejam durante uma única sessão ou ao longo de sua carreira. São fenômenos extremamente raros, e seus registros estão associados aos mais poderosos agentes de voz direta que existiram. Frequentemente, o idioma pode ser desconhecido tanto para as testemunhas como para o agente PSI (Fodor 1974). Borges (1999) narra que nas sessões do Marquês Carlo Centurioni Scotto, as vozes exprimiam-se em latim, espanhol e alemão, e em cinco dialetos, piemontês, romanolo, napolitano, venezuelano e siciliano. George Valiantine, prolífico produtor de vozes, também demonstrou essa raríssima capacidade, com relatos de que foram produzidas vozes paranormais em diversos idiomas (Borges, 1999). Neville Whymant (1930), poliglota e estudioso de línguas, afirma que, nos anos de 1920, ao longo das 20 sessões em que esteve presente com Valiantine, ouviu vozes se expressando em 14 idiomas, dentre elas chinês, hindú, persa, basco, sânscrito, árabe, português, italiano, *Idishi* (falado com grande fluência na presença de um membro assíduo do grupo), alemão e grego moderno. Whymant, em sua obra, narra o curioso diálogo em chinês, que travou, no qual discutiu com a “voz” sobre interpretações de manuscritos antigos.

Leslie Flint, famoso agente PSI britânico, também as manifestou, em inúmeros dialetos (Zammit 2000), ao longo de sua carreira, deixando um enorme acervo de suas gravações, feita ao longo dos anos em que foi pesquisado. Ele mesmo relata que “milhares de vozes diferentes (...) foram gravadas para a posteridade, falando dialetos diferentes, línguas estrangeiras, desconhecidas para mim e até línguas que já não são faladas na Terra”(Flint 1971). Frank Dekker também produzia vozes xenoglóssicas, em meados de 1930, com testemunhos afirmando que idiomas nativos dos aborígenes norte-americanos foram ouvidos (NAS 2004).

Uma das mais conhecidas agentes PSI desse fenômeno, Etta Wriedt também produziu vozes que se manifestavam em francês, alemão, espanhol, norueguês, holandês, árabe, entre outras (Doyle 1994). Cecil Husk também produzia vozes em idiomas diferentes (Borges 1999).

c) Vozes múltiplas

Quando diversas vozes ocorrem simultaneamente, através de um mesmo agente PSI. Muitos consideram esse tipo de voz direta como uma prova da autenticidade do fenômeno, excluindo a possibilidade de fraude por parte do suposto agente. Registros de vozes múltiplas existem desde os primórdios das vozes diretas, e um dos mais contundentes relatos é de D. D. Home. Signor Damiani, da Sociedade Dialética de Londres, em 1870, relata uma sessão em que duas vozes foram ouvidas, ao mesmo tempo em que Home conversava com outra pessoa (Doyle 1994). O próprio Conan Doyle admite que ouviu várias vozes falando ao mesmo tempo, muitas vezes (Doyle 1994).

Os agentes John Sloan e Valiantine também produziram vozes múltiplas (Borges 1999). Com Etta Wriedt, até três vozes independentes eram ouvidas ao mesmo tempo, em algumas sessões (Moore 1911, Moore 1913). Na clássica obra de Arthur Findlay, John Sloan

apresentou a mesma peculiaridade. Com o britânico Leslie Flint, durante várias ocasiões, foram ouvidas duas ou três vozes se manifestando simultaneamente (Zammit 2000). Colin Evans diz ter ouvido duas vozes paranormais falando consigo, no mesmo instante que outras pessoas presentes à sessão também conversavam com outra voz independente, quando o agente PSI era o americano Jack Webber, dotado de notáveis faculdades (NAS 2004).

2) Origem

Pode-se classificar as vozes também de acordo com o local de onde elas parecem provir. Como a grande maioria das manifestações são realizadas em absoluta escuridão (ver tópico), os relatos são baseados na impressão das testemunhas, de sua provável origem. Em certos casos, pode-se dizer, com maior exatidão de onde surge a voz.

a) Definida

Essa modalidade de voz direta é a mais precisa, quanto sua origem, pois a “personalidade” de onde provém a voz é visível a todos. Está associado diretamente com a personificação objetiva, também chamada de materialização (ver tópico “Materialização”).

b) Indefinida

É quando ela parece vir de alguns centímetros do agente PSI, vir das paredes, vir do teto, vir de um determinado espaço no ar, contudo sua fonte é invisível, seja pela ausência de luminosidade ambiente ou não. Como a grande maioria dos agentes PSI de voz direta realizavam suas sessões em plena escuridão (ver tópico), é de se supor que estejam classificados neste tópico. Somente em alguns casos, o autor do relato se preocupou em tentar definir uma origem aproximada de onde provinha a voz.

Em 1908, foi relatado que vozes paranormais foram ouvidas distintamente, através do agente PSI islandês Indridi Indridason, e eram claramente audíveis a alguma distância dele (NAS 2004). Testemunhas afirmaram que enquanto Indridason falava, em transe mediúnico, outras vozes paranormais eram ouvidas, e sua origem seria do “ar envolta do médium” (NAS 2004). Outros relatos suportam o fato de que as vozes surgiam tanto próximas de Indridi Indridason, como distantes dele.

Moore relata que houve casos em que as vozes eram produzidas muito próximas à face de quem estava participando da sessão, e distantes do agente PSI, no caso Etta Wriedt (Moore 1913).

Fodor (1974) cita o caso da sensitiva Elizabeth Blake, que podia “produzir vozes que podiam ser ouvidas a uma centena de pés de distância”

O Grupo Experimental Scole, em 1994, também obteve as vozes independentes, as quais denominou *vozes estendidas*. As vozes provinham de todos os cantos do aposento onde eram feitas as sessões (um porão), algumas destas pareciam vir de dentro das paredes (Solomon & Solomon 2002).

Montague Keen, membro da *Society for Psychical Research*, afirma ter ouvido quatro vozes, claras e distintas, uma delas atribuída ao químico William Crookes, da Inglaterra Vitoriana, em uma sessão ocorrida em 2003 com o agente PSI britânico David

Thompson, estando o mesmo amarrado e vedado numa cadeira, dentro de um gabinete. No seu relato, diz que somente lhe é possível dizer que a origem das vozes não parecia vir do mesmo lugar em que se encontrava o agente (Keen 2003).

3) Luminosidade

A luminosidade é um caráter limitante da ocorrência de todos os fenômenos de efeitos físicos. A obscuridade total propicia – e em alguns casos limita totalmente - sua produção. Essa condição também favoreceu que os pesquisadores de paranormalidade se tornassem extremamente desconfiados, e procurassem submeter os médiuns às mais rigorosas condições de controle, que muitas vezes podiam ser consideradas sádicas e humilhantes (Zammit 2000). Com as vozes independentes, não é diferente. Os agentes que as produzem são muito poucos, e os que fazem isso sob luz forte são raríssimos.

a) Escuridão completa

Zammit (2000) afirma que a grande maioria dos agentes PSI de voz direta só a produzem em absoluta escuridão. Fodor (1974) supõe que, pelo fato da escuridão ser um requisito primordial para a produção do fenômeno, é necessário pensar em outros critérios para estabelecer sua veracidade. Todos os relatos de voz direta ocorridos em sessões são feitos na mais completa escuridão – salvo se o testemunho expressar claramente que houve alguma luminosidade. E destacam-se somente aqueles que tinham força suficiente para as produzir em ambientes iluminados.

Mary Hollis só podia produzir vozes quando eram realizadas na obscuridade (Borges 1999). A agente PSI Maud Lord conduzia suas sessões na mais completa escuridão, para produzir as vozes (Marryat 1920).

A escuridão completa também é um requisito essencial para se desenvolver as vozes independentes. Mona Van Der Watt foi aconselhada pelos seus “guias” que, para desenvolver as vozes, que era preciso ser na mais completa obscuridade (NAS 2004).

Crawford realizou um conjunto de experimentos sistemáticos para observar até que ponto a luz pode influenciar a produção das vozes (Crawford 1963). Estudando o agente PSI Sra Z., verificou que praticamente nenhum fenômeno pôde ser obtido com ela, nem mesmo na mais fraca luminosidade. Neste caso em específico, Crawford considera a voz direta estando diretamente relacionada com a movimentação de cornetas (ver tópico).

b) Obscuridade

Alguns médiuns, que não podem operar na luz intensa, conseguem resultados modestos sob uma luminosidade mais fraca. Crawford (1963) relata uma pesquisa, na qual testa a capacidade de Mrs. Z. produzir vozes independentes sob diferentes condições de luz. Seu relato está intimamente associado com a presença e movimentação de uma corneta, mas seus resultados estão basicamente voltados para a intensidade da luz, o que justifica seu enquadramento neste tópico.

Crawford colocou duas cornetas no chão, dentro do círculo feito pelos assistentes, e colocou uma fonte de luz vermelha (uma lanterna com o vidro avermelhado) ligada ao máximo, em cima de uma mesa, no canto mais distante do agente PSI, mais voltada para o

centro da sala. Nada aconteceu por 15 minutos. Ouviram-se então alguns *raps* que indicaram que a luz estava muito forte. A luz foi diminuída pela metade. Neste momento, Crawford diz ter ouvido uma voz muito débil, aparentemente emanada do teto logo acima do espaço do círculo de assistentes. Em seguida, a “voz” sugeriu que a luz fosse direcionada para a parede, deixando o centro da sala e o gabinete em escuridão absoluta.

Com a agente PSI Miss Goligher, Crawford afirma ter obtido fenômenos de voz direta com certa intensidade, sob luz vermelha.

c) Plena luz

Os agentes dessa categoria são poderosos o suficiente para produzirem as vozes sob qualquer luminosidade. Isso os destaca de todos os outros. O Sr. Robert Cooper, biógrafo dos Irmãos Davenport, afirma ter ouvido muito bem, vozes paranormais na presença deles, à luz do dia e à luz da lua (Doyle 1994). Sabe-se que D. D. Home dispensava qualquer obscuridade quando produzia suas manifestações paranormais. Provavelmente, o mesmo ocorria com a voz direta. Fodor (1974) afirma que Elizabeth Blake, Geroge Valiantine, Etta Wriedt, Miss Ridley e Miss Murphy Lydy produziram vozes sob intensa luminosidade. Elizabeth Blake produziu vozes em plena luz, de forma objetiva o suficiente para impressionar o pesquisador James Hyslop (Borges 1999). Osborne Moore afirma que Etta Wriedt as produzia tanto na luz como na escuridão, mas que nesta última, as vozes eram notadamente mais claras (Moore 1913).

4) Fenômeno físico

Nesta classe, as vozes estão diretamente associadas com outro fenômeno PK. Muitos médiuns de efeitos físicos sempre possuíam mais de uma faculdade, o que nos leva a supor que parte deles também foram capazes de produzir as vozes.

a) Materialização

Este caso é peculiar. Dentro de um fenômeno clássico de personificação objetiva, só pode ser considerado também como fenômeno de voz direta se a personificação produz sons audíveis. A definição de voz direta como sendo “a produção de vozes no espaço, sem uma origem ou agente físico conhecido” parece excluir a materialização como uma voz direta. Contudo, é preciso esclarecer que o termo “agente físico conhecido” se atribui a qualquer artifício, humano ou mecânico, pelo qual as vozes podem ser produzidas, e não a um fenômeno de origem parapsicológica. Assim, uma materialização comunicante pode ser definida como “personificação objetiva associada com voz direta”. Com base neste ponto de vista, colocar a materialização como sendo uma variedade de voz direta é válida.

O clássico episódio de Katie King enquadra um caso de voz direta associada com materialização (Crookes 1971). Ranieri descreve, em seu livro, como presenciou inúmeras personificações se exprimindo com grande facilidade por algumas horas, através das faculdades do brasileiro Peixotinho. Dezenas de testemunhas afirmam ter ouvido materializações falarem claramente, em ambientes iluminados, através da notável paranormalidade do brasileiro Carlos Mirabelli (Rizzini 1995). Madame D’Ésperance, na sua autobiografia, relata a produção de corpos ectoplasmáticos que se comunicavam com os

assistentes de suas sessões. Minnie Harrison também produzia materializações animadas e comunicativas, sendo estas gravadas pelo seu filho (Harrison 2000).

Poderosos agentes PSI de materialização completa incluem-se nessa categoria.

b) Corneta

Certas vozes independentes só puderam ser audíveis através de uma corneta. A corneta é uma peça cônica, geralmente de alumínio, leve, que serve para propiciar uma acústica que aumente a intensidade da voz, condensando-a. Muitos pesquisadores associam automaticamente a voz direta com a presença de uma corneta (Crawford 1963).

O agente PSI Alec Harris foi instruído pelos seus “guias” que, se quisesse produzir vozes independentes, precisaria adquirir uma corneta (NAS 2004). Minnie Harrison utilizava de cornetas para manifestar as vozes, tendo sido inclusive fotografada (Harrison 2000). Perriman (1952) diz que nos primeiros estágios da produção das vozes, a utilização da corneta é imprescindível. A agente PSI americana Margery “Mina” Crandon produzia uma voz masculina (Fodor 1934, 1974) e utilizava também de uma corneta, que foi fotografada enquanto pairava no ar.

O Grupo Experimental Scole obteve vozes diretas, que pareciam vir do espaço dentro do círculo feito pelos participantes. Em uma ocasião, para melhorar a acústica, as vozes se fizeram ouvir de dentro de um recipiente plástico, com maior intensidade e clareza (Solomon & Solomon 2002).

Etta Wriedt também chegou a utilizar, algumas vezes, a corneta para melhorar a acústica da voz (Moore 1911), e em certas ocasiões, vozes eram produzidas, simultaneamente através da corneta e a partir de um ponto qualquer (Moore 1913). O notável Jack Webber foi fotografado enquanto utilizava-se de uma corneta, na manifestação de voz direta (NAS 2004)

Os relatos mais recentes na produção de voz direta provém de entidades espiritualistas inglesas, destacando-se a *Jenny's Sanctuary*^(*). As recentes sessões do agente PSI inglês Stewart Alexander também estão diretamente associadas com as cornetas, que descrevem inúmeros malabarismos durante as sessões, ao mesmo tempo que transmitem as vozes. O mesmo tem ocorrido com David Thompson. O agente inglês Warren Caylor tem produzido constantes fenômenos físicos, na Inglaterra, incluindo aí a produção de vozes através de cornetas, como relatado na ata de sua sessão no dia 17 de maio de 2006.

A voz parece ser produzida no interior ou no extremo mais estreito da corneta. Ainda dentro deste tópico, pode-se separá-lo em outro dois: quando a corneta é vista, mas não há nenhuma ligação visível entre ela e o agente PSI, e quando existe um cordão ectoplasmático, ligado ao agente e à corneta, ao mesmo tempo. Nessa primeira categoria, enquadra-se Margery Crandon, e na segunda podemos citar Stewart Alexander, Minnie Harrison e Jack Webber.

c) Ectoplasmia

Quando as vozes estão diretamente associadas a emissões ectoplasmáticas do agente PSI em questão. O acúmulo ectoplasmático associado à produção da voz foi denominada de “caixa de voz”, por alguns pesquisadores, e seriam as responsáveis pela sua produção.

Acredita-se que a caixa de voz foi fotografada pela primeira vez em sessões com americana Margery Crandon, em meados da década de 20 e 30 do século XX,

posteriormente com o americano Jack Webber, visível com certa nitidez (NAS 2004) e com o famoso agente PSI britânico Leslie Flint. Um relato de sua estrutura é descrito por Xavier (Xavier 1956).

Teoria das vozes

As vozes não são produto de alucinação, mas sim físicas, sendo passíveis de gravação, como fez Crawford na presença da agente PSI Mrs. Goligher (Crawford 1963), pesquisadores com Gladys Osborn Leonard (Borges 1999) e as inúmeras gravações obtidas com o britânico Leslie Flint (Flint 1971). Existem outras teorias que procuram explicar o mecanismo pelo qual uma voz humana, capaz de se expressar nos mais diversos idiomas e de forma lógica, compreensível, não sendo uma simples reprodução de fonemas, mas capazes de ditar idéias originais e responder perguntas, são produzidas, sem o concurso de nenhum aparelho fonador visível.

Fodor (1974) diz que a primeira descrição da “caixa de voz” provém de Stainton Moses, no qual diz que “numa parte distante da sala, algo parecido com uma caixa redonda, com uma luz azul, que estava associada com a voz”. Também cita o fato de que a caixa parece estar intimamente ligada ao agente. Posteriormente, Findlay (1950) descreve que as próprias vozes procuraram explicar como eram produzidas, na qual era construído uma máscara ectoplasmática, contendo a língua, boca e a garganta, e que o ar ao redor era movimentado através dela, de forma que pudesse fazer vibrar as cordas na garganta e produzir um som físico. Keen (2003) diz ter recebido das vozes uma explicação simliar, no qual é feito um molde ectoplasmático do pescoço físico do agente PSI, a partir do qual é possível se obter as vozes. Xavier (1973) corrobora a teoria da laringe ectoplasmática. Perriman (1952) relata que em uma sessão, a laringe se tornou visível, e dentre os participantes, se encontrava um médico, que pôde atestar tratar-se de uma garganta humana, com cordas vocais que só vibravam quando as vozes surgiam.

O ectoplasma e o molde para confeccionar as “máscaras” proviriam do próprio agente, e isto, de alguma forma, explicaria porque em certos casos, a voz paranormal é parecida com a voz do agente.

De alguma forma, a caixa de som fica geralmente próximo ao pescoço do sensitivo, quando não provém diretamente de sua boca. Leslie Flint foi fotografado, com luz infravermelha, enquanto uma massa ectoplasmática se acumulava no seu pescoço. Margery Crandon também foi fotografada, em dois ângulos diferentes, simultaneamente, quando uma porção de ectoplasma (caixa de voz) estava acumulada no seu ombro, e era emanada de seu nariz. O americano Jack Webber também foi fotografado, quando a caixa de voz repousava sobre seu ombro, e um fio ectoplasmático a ligava ora com o nariz, ora com o ouvido. Mary Marshall foi fotografada com a mesma estrutura ectoplasmática, presa ao seu pescoço (Hamilton 1977)

Com base nos relatos, a idéia geral é de que a voz é criada através de uma “laringe” ectoplasmática, através do qual o ar é direcionado para fazer vibrar “cordas vocais ectoplasmáticas” e produzirem um som físico. Essa laringe, se for visível, recebe o nome de “caixa de voz”. Quanto a sua forma, pode ser uma massa informe, geralmente posicionada muito próximo ao agente, ou com a forma de um filamento, ligando o sensitivo à uma corneta, quando esta está presente. Quando está nesta última forma, acredita-se que a caixa de voz seja fabricada na extremidade em contato com a corneta, para justificar a produção

da voz, pois se fosse construída na extremidade próxima ao agente, a voz precisaria atravessar todo o tubo até chegar na corneta, o que inviabilizaria sua produção.

Referências Bibliográficas

BORGES, Valter da Rosa. *A Realidade Transcendental*. Recife: Bagaço, 1999

CRAWFORD, William J. *Mecânica Psíquica*. São Paulo: Lake, 1963.

CROOKES, William. *Fatos Espíritas*. Rio de Janeiro: FEB, 1971.

D'ÉSPERANCE, Elisabeth. *No País das Sombras*. 2 ed. Rio de Janeiro: FEB, s.d.

DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. São Paulo: Editora Pensamento, 1994.

FARMER, John. *Twixt Two Wolrds: A Narrative of The Life and Work of William Eglinton*. London, 1886.

FINDLAY, J. Arthur. *No Limiar do Etéreo*. Rio de Janeiro: FEB, 1950.

FLINT, Leslie. *Voices in The Dark*. London: Psychic Press, 1971

FODOR, Nandor. *These Mysterious People*. London, 1934.

FODOR, Nandor. *Encyclopaedia of Psychic Science*. USA. University Books, 1974.

HAMILTON, T. Glen. *Intention and Survival*. 2 ed. MacMilliam Co., 1977.

HARRISON, Tom. *Visits by Our Friends From the 'Other Side': The Remarkable Mediumship of Minnie Harrison*. 1 ed. Saturday Night Publications. 1989.

HOME, Daniel Dunglas. *Incidents in My Life*. 5 ed. New York. 1864.

KEEN, Montague. *An Independent Report Into David Thompson's Physical Mediumship*. Novembro, 2003.

MARRYAT, Florence. *There is no Death*. 2 ed. London: William Rider & Son, 1920.

MOORE, Usborne. *Glimpses of the Next State*. London: Watts and Co., 1911.

MOORE, Usborne. *The Voices*. London: Watts and Co., 1913.

NAS – *The Mediumship of Frank Decker*. The Noah's Ark Society, 2004.

NAS – *Stainton Moses Physical Mediumship*. The Noah's Ark Society, 2004.

NAS – *The Physical Medium Jack Webber*. The Noah's Ark Society, 2004.

NAS – *The Physical Mediumship of Indridi Indridason*. The Noah's Ark Society, 2004.

NAS – *Alec Harris Physical Mediumship*. The Noah's Ark Society, 2004.

NAS – *Report of Evidential Communication Through Mona Van Der Watt*. The Noah's Ark Society Report, 2004.

NICHOLS, Thomas Low. *A Biography of The Brothers Davenport*. London, 1864.

PERRIMAN, A. E. *Broadcasting From Beyond*. Spiritualist Press, 1952.

RANIERI, R. A. *Materializações Luminosas*. 2 ed. São Paulo: FEESP.

RIZZINI, Jorge. *Allan Kardec, Irmãs Fox e Outros*. 2 ed. EME, 1995.

SOLOMON, Grant & SOLOMON, Jane. *O Experimento Scole*. São Paulo: Madras Editora Ltda. 2002.

WHYMANT, Nelville. *Psychic Adventures in New York*. 1930

XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da Luz*. 9.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1973

ZAMMIT, Victor. *A Lawyer Presents the Case for the Afterlife*. Austrália, 2000

(*) JENNY'S SANCTUARY – As atas das sessões de Stewart Alexander, David Thompson e Warren Caylor, foram produzidas nesta entidade e utilizadas como referência neste trabalho, estão disponíveis no site PhysicalMediumship.co.uk